

# ADJETIVOS PARA QUAL PSICOPATOLOGIA?

DES ADJECTIFS POUR QUELLE PSYCHOPATHOLOGIE?

*Laurence Croix*

*Tradução: Maria Renata Prado*

## Resumo:

As crianças rebeldes, violentas, indisciplinadas, perversas, agitadas ... rapidamente se tornaram, já em 1903, pelo menos na França, crianças "doentes". Desde então, se desenvolveu uma psicopatologia discriminatória nascida de normas sociais, para conhecer uma terrível virada sob o regime nazista, em particular com o Dr. Asperger . Após a guerra, aparecem paralelamente às classificações da OMS, as diferentes versões do DSM e todos os seus distúrbios, incluindo o famoso "transtorno do déficit de atenção com ou sem hiperatividade" (TDA / H). No entanto, as noções de doença, sintoma e síndrome na medicina são, a priori, fundamentadas de outra forma. O comportamento pode se constituir, isoladamente, como uma doença? Não corremos o risco de não reconhecer o verdadeiro sofrimento psíquico das crianças?

**Palavras chave:** sofrimento psíquico, criança doente, discriminação

Les enfants rebelles, violents, indisciplinés, méchants, agités, ... sont vite devenus, dès 1903, en France au moins, des enfants « malades ». Depuis s'est développée toute une psychopathologie discriminative née des normes sociales, pour connaître un terrible virage sous le régime nazi avec en particulier le docteur Asperger ... Après la guerre, née de bons sentiments apparaissent à côté des classifications des maladies mentales par l'OMS, les différentes versions du DSM et tous ses troubles, dont le célèbre « trouble du déficit de l'attention avec ou sans hyperactivité » (TDA/H). Pourtant les notions de maladie, symptôme, syndrome en médecine sont à priori autrement fondés. Le comportement peut-il constituer à lui seul une maladie? Ne risquons-nous pas de passer à côté de la véritable souffrance psychique des enfants?

**Mots clés:** souffrance psychique - enfant malade - discriminatio

## INTRODUÇÃO

Na França, um decreto recente (2017) estabelece um procedimento para monitorar e avaliar o "sofrimento psicológico" entre jovens de 11 a 21 anos, possibilitando, sob a supervisão de médicos, o reembolso de consultas psicológicas em consultórios particulares<sup>1</sup>. Poderíamos considerar esta decisão de forma positiva. Porém, a promoção desse "sofrimento psicológico" evidencia a imprecisão clínica e epistemológica dessa noção, que hoje se apoia em critérios clínicos questionáveis ou, de qualquer forma, mais fundamentados em ideologias políticas do que em elaborações científicas.

Propomos, aqui, questionar algumas destas categorias patológicas reconhecidas pela sociedade e amplamente mediatizadas, a partir dessas mutações de adjetivos em "doenças".

<sup>1</sup> Decreto 2017, ....

Destacamos, a partir de duas primeiras figuras, não apenas os problemas graves para as crianças envolvidas, para além das questões sociais, mas principalmente a falta de base científica para essas novas categorias de "doenças".

Inicialmente, lembraremos que os adjetivos: "instável", "indisciplinado" ou "malvado" mudaram na França, com o nascimento da escola obrigatória, para uma nova designação psicopatológica que os designará, primeiramente, como crianças "doentes", mais tarde, "anormais" e, atualmente, "portadoras de uma deficiência", não hesitando em submetê-las a diversos tratamentos educacionais e médicos, até uma "camisa de força química" generalizada nos dias de hoje.

A partir do conceito de "autista", veremos, então, como este adjetivo foi capaz de fazer avançar a nosografia psiquiátrica, mas como, no entanto, foi também recuperado por uma ideologia discriminatória, claramente eugenista com a criação, sob o regime nazista, de uma estranha síndrome que mais tarde será chamada de "Asperger".

Finalmente, terminaremos com um contraexemplo, o de um sofrimento psíquico real que pode ser enfrentado pela maioria dos adolescentes diante de um trauma ou de uma "crise potencialmente traumática" (P. Jeammet) da puberdade. Estes adolescentes sofrem, antes de tudo, da falta de adjetivos para representar o que estão experimentando. Essa crise, apesar de às vezes invisível e silenciosa, pode, contudo, quando se transforma em uma reivindicação de identidade, levar aos piores dramas para o adolescente e suas vítimas.

Quando o financiamento de psicoterapias se limita a certas descrições de conduta ou de comportamento (comportamento de risco, hiperatividade, práticas viciantes, violência...), não perdemos de vista os verdadeiros sofrimentos psicológicos que demandariam precisamente uma formulação e um reconhecimento por palavras?

## 1 - DA CRIANÇA DIFÍCIL À "DOENÇA"

Na França, ainda que a escola se torne obrigatória com Jules Ferry (1882), as crianças das classes populares levam algumas décadas para chegar aos bancos desta instituição. Porém, as primeiras figuras de crianças em idade escolar chamadas de "incontroláveis" são imediatamente descritas. Elas são, então, classificadas em duas categorias: "instáveis" e "atrasadas" ou "débeis".

É com urgência e grande rapidez que, em 1899, foi criada a *Sociedade Livre para o Estudo Psicológico da Criança*, a SLEPE, que rapidamente constrói várias expertises, denominadas nesta época "investigações": em 1902, sobre as mentiras contadas pelas crianças, sobre as crianças rebeldes, sobre as crianças repreendidas, em 1903, sobre o sentimento de raiva, sobre as recompensas, sobre a proibidade das crianças etc.

A SLEPE também criou uma comissão de estudo sobre as crianças "anormais", dirigida por Alfred Binet a partir de 1904. O retrato feito da criança *instável* não é diferente das definições que damos, hoje, das crianças *perturbadoras*: "elas têm caráter irritável, corpo sempre em movimento, são refratários à disciplina comum (...), são turbulentos, faladores, incapazes de atenção (...) demonstram certa maldade em relação aos colegas e indisciplina em relação ao professor (...) o principal motor da criança instável é o leque de inclinações egoístas"<sup>2</sup>.

Alfred Binet e Theodor Simon concluem muito rapidamente, já em 1903, a partir da avaliação de *crianças raivosas*, que se trata "mais de pequenos doentes do que de pequenos malvados".

Sem desenvolvê-lo ainda mais aqui, notemos que essas crianças, que seriam *perturbadoras, agitadas, rebeldes* à disciplina da escola, são condenadas a estar *doentes*. Com a

<sup>2</sup> A. Binet, T. Simon, 1907, *Les enfants anormaux*, Armand Colin. (aliás, traduzido em inglês como *Mentally defective children*, ...).

mesma rapidez, estabelece-se um vínculo de causalidade nas famílias, e promulga-se o chamado distúrbio *hereditário*.

Patrice Pinel e Markos Zafirooulos, no livro *Um século de fracassos escolares*, demonstram esse desafio ideológico de estabelecer um vínculo entre o desempenho intelectual e/ou os chamados distúrbios comportamentais do lado da "natureza"; uma natureza genética ou social? nada é demonstrado. De qualquer forma, as classes populares gerariam necessariamente crianças perigosas. Eles escrevem "A equação é simples: pobre = idiota = delinquente"<sup>3</sup>.

Assim, desde então, a *criança difícil* é definida como "uma criança com um problema de adaptação, permanente ou temporário, ligado a uma dificuldade educacional"<sup>4</sup>.

Após a guerra, a constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS) participa da elaboração de uma nova definição de saúde: do conceito bem conhecido, formulado por Canguilhem René Leriche em 1936 ("saúde é a vida no silêncio dos órgãos"), passa-se, em 1946, ao seguinte: "a saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não consiste apenas na ausência de doença ou enfermidade" (OMS, 1946).

A fronteira entre o normal e o patológico se move cada vez mais. Os avanços científicos, econômicos, políticos e sociais possibilitam a combinação de teorias convergentes que são "os quatro componentes da revolução NBIC (nanotecnologias, biotecnologias, ciência da computação e ciências cognitivas)"<sup>5</sup>.

"A Síndrome da Criança Hiperativa" de 1968 se tornará "Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade" em 1987 e, no atual DSM V, um "Transtorno do Déficit de Atenção com ou sem hiperatividade" (TDA/H). Hoje,

<sup>3</sup> P. Pinel, M. Zafirooulos, *Un siècle d'échec scolaire (1882-1982)*, ed économie et humanisme, les éditions ouvrières, Paris, 1984.

<sup>4</sup> A Adler, *L'enfant difficile*, ...

<sup>5</sup> Dr Laurent Alexandre, *La mort de la mort*, JC Lattès, 2011, p 31

estamos caminhando para um redesenho de entidades clínicas a partir da busca de vulnerabilidades genéticas. E parece que o DSM VI (ainda não publicado) postula apenas "o déficit de atenção", expandindo, assim, as partes de mercado da indústria farmacêutica, cada vez mais próspera em termos econômicos...

Quantas crianças serão adjetivadas pela sua "falta de atenção" e colocadas em uma nova "camisa de força química" ? Enquanto aguardamos os números sobre essas eternas antigas-futuras *crianças desatentas*, devemos, no entanto, lembrar brevemente o que é a psicopatologia.

De acordo com os dicionários e as enciclopédias, a psicopatologia é "o estudo fundamentado de distúrbios mentais ou psicológicos". Derivado do *psychê*, que significa alma, e *pathos*, sofrimento.

Portanto, não deveriam ser considerados comportamentos inadequados, de acordo com um padrão social ou acadêmico, que seriam mais o objeto de uma sociologia ou de uma psicossociologia.

O sintoma, na medicina e, no caso, na psiquiatria, é o sinal de uma possível doença.

Então, um comportamento instável da sala de aula seria um sinal de doença? Talvez, mas isto não é evidente. Eventualmente, pode de fato indicar um sofrimento da criança, o qual ainda precisa ser estudado e depois, eventualmente, nomeado, pelo menos pela própria criança. Mas talvez seja também somente um comportamento de oposição. Devemos curar a oposição social, a desobediência escolar e/ou civil?

Felizmente, ao longo da história dos povos, algumas minorias ainda foram capazes de se revoltar e se opor. Deveríamos ter medo daqueles que às vezes ousam sair da "servidão voluntária" (La Boétie) e se opor aos tiranos? A disciplina comum da escola não é tirânica para todas as crianças? Essas são perguntas que a escola deve fazer a si mesma antes de condenar as crianças por meio de julgamentos

formulados na forma de adjetivos, a partir de alguns traços de suas personalidades que parecem, na maioria das vezes, inerentes à infância, desde que ela possa ser vivida, pelo menos um pouco...

A criança que “não para”, indisciplinada, impulsiva, não revela características próprias da criança em geral? Esse é o grande dilema que Freud levantou para a educação, entre *charybdis* e *scylla*, entre o deixar-fazer (impossível) e a repressão. E isso o levou a constatar que educar é, de qualquer maneira, um dos três ofícios impossíveis (como governar e curar).

## 2 - DA DISCRIMINAÇÃO AO EXTERMÍNIO

Devemos lembrar que o adjetivo *autista* designou o que era egocêntrico, egotista e até mesmo egoísta. Ou seja, quando, por exemplo, estamos em meio a um devaneio, nos tornamos autistas. Com efeito, este adjetivo é derivado de *autos*, que significa “a si próprio”.

O primeiro registro em termos psicopatológicos data de 1923, no texto de Rogues de Fursac e Emile Minkowski intitulado *Contribuição ao estudo do pensamento e atitude autistas – O racionalismo mórbido*<sup>6</sup>.

Mas a palavra só será empregada como substantivo em 1958, através da ideia de um sujeito *que sofre de autismo*, no sentido de ser incapaz de se externalizar e de ter uma vida interior que o impede de entrar em contato com a realidade<sup>7</sup>.

Como ocorreu essa transição do adjetivo à psicopatologia?

Mais uma vez, descobrimos que foi durante a Segunda Guerra Mundial que dois médicos, que trabalhavam em duas regiões do mundo, mas tinham a mesma origem austro-húngara, estabelecerão uma nova doença, atualmente designada pelo termo autismo.

<sup>6</sup> In *L'Encéphale, Journal de neurologie. et psychologie.*, ed. Delarue, abril 1923, p. 271

<sup>7</sup> Garnier-Del. 1961 [1958]. – Março 1970. – Méd. Biol. t. 1 1970. – Piéron 1963.

"A psiquiatria infantil, que nascia, era então dominada pelo diagnóstico de *esquizofrenia infantil*, pelo qual os psiquiatras, influenciados tanto pela psicopatologia de Bleuler quanto pelos primeiros ecos da psicanálise, tentaram fazer com que certo número de crianças anormais ou "atípicas", como eram chamadas, escapassem ao destino trágico dos deficientes intelectuais, frequentemente sujeitos à castração. É entre essas duas entidades patológicas, esquizofrenia e deficiência, ambas sem grande especificidade, que Kanner individualiza, em uma famosa publicação de 1943, o que ele chama de "autismo infantil precoce" e que receberá o seu nome. O autismo de Kanner, para seu autor, é uma doença, assim como a fenilcetonúria que acaba de ser descoberta<sup>8</sup>.

Essa doença inata, para Kanner, médico austro-húngaro que emigrou para os EUA, é caracterizada principalmente pela ausência de uso da linguagem, isolamento e imutabilidade (fobia do mudança e do contato físico).

Lembremos aqui que, como com relação à agitação, presume-se que esta seja uma "doença hereditária" e até hoje ainda se procura o gene responsável pelo autismo... Mas Kanner também havia permitido uma distinção clínica certamente necessária, diferenciando o autismo "primário" (falta de comunicação identificável desde os primeiros dias de nascimento) do "secundário" (após uma primeira entrada na linguagem e depois retirada / regressão).

Como Jacques Hochmann também escreve, será o começo de muitos conflitos que ainda abalam nossas sociedades no século XXI:

- "Conflito entre aqueles que querem educar, reformar de fora e aqueles que desejam curar ansiedades íntimas, tentando entender as motivações profundas de um comportamento ou de uma fala anormal;

<sup>8</sup> J. Hochmann, ...



- conflito entre aqueles que afirmam encontrar apenas no cérebro o segredo dos distúrbios e aqueles que estão interessados apenas em suas raízes psicológicas ou sociais;
- finalmente, um conflito entre aqueles que afirmam ser guardiões da ordem social e aqueles que tomam o lado do louco contra a sociedade ou contra a encarnação dessa sociedade na vida familiar."<sup>9</sup>

Ao mesmo tempo, mas na Áustria, Theo Asperger observa que haveria autistas inteligentes, porque os demais são percebidos como "fracos, degenerados, deficientes..." e tentará distingui-los. Este médico austríaco, que deu seu nome à "síndrome de Asperger", participou ativamente do regime nazista e do programa de eutanásia do Terceiro Reich. Ele apoiava o conceito de higiene racial, julgando algumas crianças como indignas de viver.

No entanto, Asperger é considerado um pioneiro no campo da psiquiatria infantil e da pediatria, particularmente por sua contribuição para a compreensão da síndrome de Asperger e do espectro do autismo.

Mas, ao descobrir documentos até então inexplorados nos arquivos do Estado, incluindo registros da equipe de Asperger e dossiês de seus pacientes, Czech revelou um cientista que se aliara tão intimamente à ideologia nazista que ele frequentemente designava crianças para a clínica Am Spiegelgrund, criada como um ponto de encontro para aquelas que não cumpriam os critérios do regime e que não seriam "dignas de viver"<sup>10</sup>. Ele será diretamente responsável pela morte de cerca de quarentena delas<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> Jacques Hochmann "De l'autisme de Kanner au spectre autistique", *Perspectives Psy* 2017/1 (Vol. 56), pp. 11-18.

<sup>10</sup> Herwig Czech, da Universidade de medicina de Viena, fez esta afirmação em um artigo publicado na revista em livre acesso *Molecular Autism*, após oito anos de pesquisa sobre o pediatra Hans Asperger.

<sup>11</sup> Para mais detalhes, ver Scheffer, ...

Quase 800 crianças morreram em sua clínica entre 1940 e 1945, muitas das quais foram assassinadas.

Em uma declaração conjunta, os editores de *Molecular Autism* -- Simon Baron-Cohen, Ami Klin, Steve Silberman e Joseph Buxbaum – saudaram o fato de que a "pesquisa meticulosa" de Czech finalmente trouxera à tona décadas de ceticismo sobre as afirmações de Asperger:

“O grau de envolvimento de Asperger em atacar as crianças mais vulneráveis de Viena permaneceu uma questão aberta e espinhosa na pesquisa sobre autismo”, escreveram eles em comunicado conjunto.

No momento em que o termo Síndrome de Asperger foi inventado em Londres em 1981 pela Dra. Lorna Wing, eles acrescentaram: "Ela e nós, cientistas e clínicos, assim como toda a comunidade do autismo, ignorávamos o apoio dado por Hans Asperger ao programa nazista de esterilização obrigatória e de eutanásia, bem como o seu estreito envolvimento nele."<sup>12</sup>

Não focaremos nesta negação ou nesta forma de negacionismo, mas:

Hans Asperger merece comemoração quando um diagnóstico de Síndrome de Asperger é feito? Perguntamos, também, como a inteligência, uma noção tão confusa, que conhece tantas definições diferentes, poderia servir como uma linha de demarcação e discriminação entre crianças, autistas ou não?

Pessoas que possuem algum diagnóstico, que continua até hoje a ser considerado psicopatológico, não deveriam ter que conviver indefinidamente com este nome nos seus registros médicos. Mesmo que alguns pacientes e famílias tenham encontrado uma identidade por meio da denominação "Asperger", e mesmo que muitos a reivindiquem porque ela dá direito ao seguro-saúde, outros a rejeitam, no entanto,

<sup>12</sup> [https://www.theguardian.com/world/2018/apr/19/hans-asperger-aided-and-supported-nazi-programme-study-says?CMP=fb\\_gu](https://www.theguardian.com/world/2018/apr/19/hans-asperger-aided-and-supported-nazi-programme-study-says?CMP=fb_gu)

querendo preservar a diferença e a singularidade próprias a todo ser humano.

Até o momento, apenas a Alta Autoridade da Bélgica removeu a designação Asperger. Na França, a campanha de indignação é formalizada por uma petição para exigir a abolição da síndrome de Asperger e o desaparecimento do transtorno do espectro autista.

Mas "o transtorno do espectro autista" parece ter vencido: 1% da população seria afetada, contra 1/1000 para o autismo!

No entanto, segundo os próprios autores do DSM-V, o TEA é difícil de diferenciar de outros distúrbios, conhecidos hoje como "neurodesenvolvimentais"...

### **3 - A REIVINDICAÇÃO IDENTITÁRIA PARECE SER REALMENTE UMA DOENÇA**

TEA (Transtorno do Espectro Autista), síndrome de Asperger, TDA/H (às vezes associada a traços autistas), depois a dislexia, discalculia, dispraxia, invadiram nossas culturas e especialmente nossas escolas.

Que educador, hoje, não usa essas grandes palavras de modo completamente banal? Eles se tornaram até mesmo adjetivos para muitas crianças!

E, hoje, na medicina, curvamo-nos diante desses rótulos colocados por educadores sem nenhum treinamento em psicologia.

"As causas dessa alta taxa não são estabelecidas, observam os autores. Poderia ser um reflexo da expansão dos critérios de diagnóstico do DSM IV para incluir casos subsindrômicos, de um melhor conhecimento do distúrbio, de uma diferença nos métodos de estudo ou de um aumento real na frequência de TEA".

Podemos pensar que a catalogação (em todas as ciências) e a construção de nosografias, como tentaram fazer, no século XIX, os alienistas preocupados com a objetividade em suas observações, se tornaram, no século XX e, em particular, sob a ditadura nazista, uma biopolítica e um positivismo a serviço da norma e da paz social que termina no século XXI em reivindicações de identidade que se multiplicam e contribuem para uma competição, às vezes até a morte.

Atualmente, a noção de identidade e seus fenômenos de reivindicação identitária perpassam a sociedade: identidades religiosas, comunitárias, nacionalistas, supremacistas, de "raça", de sexo, de gênero etc.<sup>13</sup>

A acadêmica D. Sallenave chegou a dizer que "o identitarismo é a doença do século XXI"<sup>14</sup>. Provavelmente é uma doença real, então continuemos:

Não esqueçamos que a identidade, e isso foi detectado muito antes de Freud<sup>15</sup>, é apenas uma ilusão; mesmo que essa noção tenha sido amplamente popularizada pela sociologia e ainda o seja particularmente nos EUA, hoje numerosos

<sup>13</sup> Certamente, a competição identitária, a dos anos 30 no século XX ou a de hoje, não diz respeito apenas aos adolescentes; ela aparece, efetivamente, como "solução" política para certo número de partidos e discursos políticos...

<sup>14</sup> Em uma entrevista ao jornal *Le Monde*, a acadêmica explica como o republicanismo neoconservador e o catolicismo tradicionalista se aliam para defender uma Europa branca e cristã. LE MONDE | 23.06.2018 Entrevista realizada por Nicolas Truong.

Escritora membro da Academia Francesa e autora de *L'Eglantine et le Muguet* (Gallimard, 544pages,), Danièle Sallenave analisa as razões da virada identitária de parte dos intelectuais franceses, que encontra as suas raízes, notadamente, no combate contra o totalitarismo.

<sup>15</sup> Já em D. Hume, por exemplo, a identidade não é somente um fato e nem mesmo uma impressão, é somente *uma ilusão*. O ego, se for uma ideia, é uma ideia fixa... Hume, *Traité de la nature humaine*, I, IV. A hipótese da identidade, somente uma ilusão: Para Hume, eu não sou mais do que uma soma de percepções. Eu sou essa multiplicidade. A identidade ou a unidade são um mito. "Ego" é uma palavra vazia.

sociólogos reconhecem a sua dimensão puramente ilusória<sup>16</sup>. Assim, o sociólogo Gérald Bronner descodifica os mecanismos de construção dos retrocessos identitários: entre a narrativa da vítima e a tentação do radicalismo<sup>17</sup>, aponta todas essas falsas notícias e teorias da conspiração que são o deleite dos jovens não somente nas redes sociais, mas também em relações sociais muito mais reais. Ele constata, justamente, que "a reivindicação identitária sempre exige um status excepcional"<sup>18</sup>.

Assim, é a partir dos que se inscrevem nessa "geração identitária" que, para além do grupo de extrema-direita que carrega este nome e sejam quais forem as ideologias em jogo, falamos desse movimento difuso, mas bem real, de certa juventude. Notemos, no entanto, que esse fenômeno identitário não diz apenas respeito à juventude...

Seja como for, na impossibilidade de retomar aqui todas essas reivindicações identitárias dos supostos doentes de todos os tipos, que se espalham com mais facilidade atualmente do que na década de 1930, graças à rede (ou à web?), citemos, por exemplo, um estudo exploratório realizado com quatro jovens e adultos autistas francófonos de Ontário, realizado por intermédio de um blog colaborativo chamado *Voix autistes franco-ontariennes*. Seus discursos destoam da maioria dos escritos sobre autismo, focados principalmente em questões infantis, revelando, assim, a estigmatização de seu triplo status de identidade entrelaçada: adulto, autista, francófono, vivendo em uma situação de minoria linguística. Raramente citadas, suas vozes minoritárias se reúnem atrás das de milhares de outras pessoas em uma militância crescente que reivindica que o autismo seja reconhecido como uma variação neurológica e não uma patologia. Conhecida como neurodiversidade, essa nova visão militante faz parte de um processo consciente de

<sup>16</sup> Por exemplo, "Les illusions de l'identité" era o título de um texto do sociólogo Alain Policar no jornal *Le Monde* de 3/10/2018

<sup>17</sup> G Bronner, *Déchéance de rationalité*, Grasset, 2018.

<sup>18</sup> G. Bronner, Entrevista publicada na revista *Le point* de 6 de maio de 2019.

reapropriação do direito à autoidentificação autista, atuando como um caminho emancipatório das desigualdades sociais<sup>19</sup>.

Podemos ver novamente as questões sócio-políticas, mais do que as do reconhecimento do sofrimento psíquico, completamente negada aqui.

Qual é, então, o propósito de tais reivindicações de identidade?

Quando se diz que uma criança ou um jovem é "instável, hiperativo, difícil, TDA/H, viciado, anorético", o rótulo é sempre dado por outro (o médico, os pais, o policial). Para uma criança que se diz hiperativa, basta perguntar a ela quem lhe disse. Ela responderá: o médico, a professora... Mas não será capaz de falar muito deste diagnóstico.

Se os fundamentos da identificação raramente são conscientes, a identificação é sempre parte de uma organização significativa para o sujeito.

No melhor dos casos, essas marcações de identidade revelam sentimentos ou opiniões de quem as apresenta, ou então de uma teoria pseudocientífica que, como qualquer teoria, é uma ficção.

Em nossa modernidade, tendemos a simplificar, a ir rapidamente, a encontrar respostas antes de se questionar. O rótulo se torna uma maneira de identificar e discriminar a criança, reduzindo-a a um eventual sintoma ou dificuldade comportamental. Mas o que nos parece ainda mais sério, hoje em dia, é quando essas crianças se identificam com esse rótulo.

Há pouco tempo, um garoto de 16 anos me explicou sua fobia escolar, repetindo-me as palavras de um neuropsiquiatra que lhe havia prescrito um benzodiazepínico por vários anos: "é normal que eu tenha uma fobia escolar porque eu sou uma criança com alto potencial". Como, então, reintroduzir nele uma introspecção, a possibilidade de decifrar de outra maneira

<sup>19</sup> Nugent, B. (2017). Voies | Voix autistes franco-ontariennes : quand la reconnaissance de la neurodiversité devient-elle une voie émancipatrice militante?. *Reflets*, 23(2), 32–68. doi:10.7202/1043302ar

sua fobia que o prejudica ainda mais fortemente neste ano, quando ele precisa passar no vestibular?

Se existe, hoje, uma inflação muito alta de diagnósticos infantis de TDA/H – assim como de "bipolar", autistas, ... – com uma variação grande dos valores de prevalência dessa síndrome de acordo com os países ou o contexto estudado e a política de marketing do metilfenidato (Ritalina®), é porque, como apontado pelos sociólogos Nicolas Le Dévédec e Fany Guis, "as proezas tecnocientíficas, os psicotrópicos e as bases móveis e radicalmente normativas da noção de saúde [...] não aumentam o contingente de super-homens, mas sim o de pacientes", gerando "uma patologização da existência" ou "o homem aumentado é acima de tudo um humano biomedicalizado, adaptável aos requisitos indefinidamente flexíveis de uma sociedade focada no desempenho e na competição". E acrescentam: "drogas psicotrópicas [...] visando mais aliviar nossa condição fundamentalmente deficiente e tornando-se indispensáveis ao funcionamento normal"<sup>20</sup>.

Portanto, para concluir, sem obviamente termos esgotado essas questões, digamos que o deslocamento desses adjetivos para certos objetivos cientificistas revelam deslocamentos perturbadores da demarcação entre o normal e o patológico: da norma positivista à normatividade como *continuum* entre o normal e o patológico descrito por Canguilhem, impõe-se hoje um novo padrão: o neuro-aperfeiçoamento (neuro-enhancement).

Cabe a todos nós, adultos e, portanto, educadores potenciais, garantir à criança que sua palavra singular tem valor e nos interessa.

<sup>20</sup> Nicolas Le Dévédec e Fany Guis, *L'humain augmenté, un enjeu social*, Sociologies, <http://sociologies.revues.org/4409>, p 9/172.

